

# O CONCEITO DE ALFABETIZAÇÃO NA ATUALIDADE: POSSÍVEIS RELAÇÕES COM O PENSAMENTO DE PAULO FREIRE

Andrade, Maria de Fátima Ramos de - USCS - mfrda@uol.com.br

## Resumo

O presente artigo objetiva discutir o conceito alfabetização semiótica, fazendo relações com o conceito de leitura defendido por Paulo Freire. O conceito alfabetização semiótica considera a expansão da escrita no contexto cultural em processo de expansão. Afirmar que a nossa cultura está em expansão é compreendê-la como um texto estruturado em sistemas dialógicos, processuais, constituído por linguagens de diferentes codificações. Este grande texto – nossa cultura –, construído pelos processos comunicacionais do homem é, preferencialmente na atualidade, produto das escritas contemporâneas, que realizam em relação à escrita alfabética, um movimento de expansão. É dentro dessa perspectiva – escrita em expansão – que repenso o conceito de alfabetização e faço relações com o conceito de leitura para Paulo Freire.

**Palavras-chave:** escritas contemporâneas – cultura como texto - expansão da escrita – alfabetização – leitura.

## 1. Introdução

Como sabemos, as mediações que realizamos com o outro e com o mundo não acontecem apenas com a palavra falada e escrita. Com a expansão dos processos comunicativos, novas formas de interação, de percepção, de visibilidade, assim como novas redes de transmissão de informações foram se constituindo. Dentro desse processo de expansão<sup>1</sup>, a escrita vem ocupando um espaço que, a meu ver, merece ser investigado.

É próprio de o homem representar por signos seu pensamento, suas idéias, suas intenções. Desde a pré-história – quando a manifestação dessa iniciativa era a linguagem oral ou os desenhos rupestres, até os dias atuais com a escrita, fotografia, cinema, computador, etc. – ele tem representado o que vê, o que sente, o que pensa, intenciona comunicar.

Quem é o homem do século XXI? Que mediações utilizamos para nos comunicar, expressar nossos pensamentos e construir significados em nossas relações com o outro e com o mundo no contexto atual? Enfim, como a cultura vem se

---

<sup>1</sup> No decorrer do artigo, discutirei mais demoradamente o conceito de expansão.

expandindo? Que mudanças nas formas de percepção e nas formas de vida experimentamos quando meios eletrônicos passam a integrar as redes de informação?

A atualidade pede que levemos em conta a diversidade e a pluralidade de textos e escritas que circulam entre nós. Um dos aspectos importantes nesse processo é perceber as influências provocadas pelos suportes<sup>2</sup>. Além disso, a velocidade com as transformações nos processos comunicacionais vêm ocorrendo é difícil de ser acompanhada, pois ainda não temos conhecimentos e habilidades. Nesse aspecto, a escola “precisa enfrentar e questionar a profunda re-organização que vive o mundo das linguagens e das escritas, reformulando a obstinada identificação da leitura com o que se refere somente ao livro... ()... Hoje é imprescindível levarmos em conta a pluralidade e a heterogeneidade de textos, relatos e escrituras” (Souza, 2003: 38). Quer dizer: a escola tem de reconhecer a diversidade de escritas.

Sabemos que a possibilidade de interiorização da linguagem escrita levou tempo e foi possível com a ampliação das condições para produção de textos escritos. Para escrever foi necessário que instrumentos fossem providenciados, assim como foram necessários suportes para o registro.

Estabelecendo um paralelo com o momento atual, podemos afirmar que somos como as “culturas antigas”, ou seja, conhecemos as escritas contemporâneas, mas não as assimilamos o suficiente para nos apropriarmos delas de maneira crítica, pois, nos comportamos como meros espectadores e pouco sabemos como elas são produzidas.

Parece-me que a aprendizagem das escritas contemporâneas só será possível com a ampliação das condições para produção desses textos.

Contudo, ainda não dominamos os instrumentos para a produção dessa escrita. Nesse sentido, o problema que enfrentamos hoje com as escritas contemporâneas parece ser o mesmo ocorrido com a escrita impressa. Para que esta fizesse parte do dia-a-dia das pessoas, foi necessário democratizar o seu acesso.

Ao lermos determinado texto, atribuímos a ele sentidos. Assim, o processo de recepção/leitura não é um mecanismo passivo de assimilação; é, sim, um processo de criação, em que os significados são construídos e reconstruídos. Os indivíduos ao se depararem com os signos dão-lhes sentido e, por isso, produzem continuamente significados no processo de recepção. Porém, a nossa capacidade de retirar da leitura mais e mais elementos significativos depende do nosso instrumental do como ler e

---

<sup>2</sup> Suporte: veículo para transmissão do conteúdo.

também do como fazer determinados textos. Logo, é de extrema importância saber também como determinadas linguagens estão organizadas.

Ler uma escrita contemporânea - imagem televisiva, fotografia, filme, etc. - é tão necessário quanto aprender a ler e escrever uma palavra. Isso reforça a idéia de que a escrita alfabética é apenas uma dentre a multiplicidade de sistemas que temos hoje. Portanto, o conceito de alfabetização amplia-se para que possamos ler não só palavras, como também imagens, sons que muitas vezes acompanham as imagens. O analfabeto hoje não é simplesmente aquele que não sabe ler a palavra escrita, mas o que não compreende os textos do seu contexto social. Logo, quanto maior o domínio sobre os signos/códigos/linguagens, maiores serão as oportunidades que o cidadão terá à sua disposição para entender o mundo em que vive e para com ele interagir.

## 2. O conceito de alfabetização semiótica

“O que caracteriza o poema é sua necessária dependência da palavra tanto como sua luta por transcendê-la. (...) O poema, ser de palavras, vai mais além das palavras e a história não esgota o sentido do poema; mas o poema não teria sentido – e nem sequer existência – sem a história, sem a comunidade que o alimenta e a qual alimenta” (Octavio Paz, p.52).

Octavio Paz, em seu livro *Signos em rotação* (2003), no capítulo “Consagração do instante”, fala da construção poética. O que me parece significativo é que Octavio Paz, além de falar da construção poética, também nos faz refletir sobre o contexto no qual vive o poeta, ou seja, o lugar da “criação” poética. Esse lugar é a nossa cultura, nosso grande texto. Um texto tecido pela linguagem: pelos signos, pelos códigos semióticos, pelas mediações, pelas conexões. A palavra texto, etimologicamente, significa tecido; conjunto de fios entrelaçados, formando trama. Texto como tecido é antes a ação de combinar, de engendrar, de construir relações.

Dentre os muitos estudos sobre o conceito de texto - Barthes (1988), Lotman (1996) e Fiorin (2003) – vamos destacar aqui as contribuições de Mikhail Bakhtin. Em seu livro *Estética da criação verbal* (2003), o autor afirma que todos os campos da atividade humana estão relacionados com o uso da linguagem. Falar em texto é pensar em linguagem, ou seja, “por trás de cada texto está o sistema de linguagem” (p.309). Todo o texto pressupõe um sistema de signos, uma linguagem convencional. Os diferentes usos da linguagem variam conforme os campos da atividade humana e o

emprego da língua se dá por meio de enunciados os quais refletem as condições específicas de cada campo. Segundo o autor, “cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados” (p.262) -, os gêneros do discurso, como denomina, com características temáticas, composicionais e estilísticas próprias.

As formas representativas do mundo cotidiano e prosaico servem de referência para a constituição dos gêneros discursivos. Há uma variedade imensa de gêneros do discurso (orais e escritos). Apesar dessa variedade, é importante perceber a diferença essencial entre os gêneros primários (simples) e os gêneros secundários (complexos).

Os gêneros primários – simples - referem-se ao cotidiano imediato, usados na comunicação interpessoal, nos diálogos cotidianos. Referem-se às situações cotidianas, familiares, etc. Os gêneros secundários – complexos – geralmente são produzidos em forma escrita e se distanciam da situação imediata de produção. Eles se apoderam de diversos gêneros primários, os transformam; fazem parte de um contexto cultural mais complexo. São eles: o discurso científico, o discurso ideológico, o romance, o teatro, etc. Os gêneros secundários originam-se dos gêneros primários e por sua vez os influenciam. Ambos são formas que mobilizam as relações dialógicas; são dados na cultura e se interrelacionam.

O fato de os gêneros estarem relacionados às variadas situações de comunicação, possibilita o surgimento de novos gêneros discursivos, em função das novas situações de interação humana. Machado (2002), em *Gêneros no contexto digital*, mostra a importância de retomarmos a idéia de gênero de Bakhtin para o conjunto da comunicação mediada por processos eletrônico-digitais. Para isso, repensa o conceito de gêneros em meio à explosão dos sistemas de escrita, sem perder de vista que as mídias eletrônico-digitais são linguagens: são formas de comunicação mediada.

Nesse sentido, é importante perceber que as transmissões não são feitas apenas com a palavra oral ou escrita pois, “imagens em movimento e um complexo campo de linguagens artificiais mobilizam infinitas interações, comunicativas imprimindo na cultura um hibridismo inusitado (...) esse hibridismo que é a cultura não só de meios, mas de múltiplas mediações”. (p.71)

Como a textualidade tem sido concebida apenas como organização verbal, pouco tem sido percebido da expansão da escrita e de seus produtos; não se entende o texto como a combinatória de diferentes códigos: um produto híbrido. Um produto em aberto,

em expansão, sendo tecido. Logo, é necessário “um olhar” mais atencioso para o movimento dos gêneros na cultura contemporânea. (Machado, 1999).

Para a compreensão que a escrita sofre um processo de expansão é necessário enxergar que esse fato é consequência da maneira como a nossa cultura vem se constituindo. Entendida como grande texto, a cultura é constituída por diversos sistemas semióticos, interconectados, em constante diálogo, num crescente processo de experimentação, transformação e expansão. Logo, cultura é algo vivo: um eterno acontecer. Para o pesquisador Geertz (1989), a cultura é vista como um texto portador de sentidos/ significados que deve ser resgatado pela interpretação. Para ele:

“o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado” (p.15).

É dentro dessa estrutura aberta – grande texto –, tecida pela ação do homem, que a cultura escrita vem assumindo diferentes ‘caras’: manuscrita, impressa, eletrônica. Podemos dizer que a escrita em expansão corre por duas dimensões: por campo de cobertura e por campo de sentidos. A expansão da escrita por campo de cobertura – escrita tipográfica, eletrônica - tem sido, nos últimos tempos, muito maior do que a expansão por campo de sentido, ou seja, a escrita está espalhada em muitos suportes e sendo divulgada para diferentes lugares, mesmo que não tenhamos condições de atribuir a ela sentidos, mais consistentes: desconhecemos como ela vem se organizando, se estruturando. Ainda, exemplificando, podemos perceber a escrita em expansão quando ela se dissipa nos aparelhos (televisão, internet, etc.) que permitiram sua disseminação e expansão por cobertura. Como sabemos, a velocidade dos deslocamentos é avassaladora. Logo, se pretendemos ter alguma influência sobre nossa próxima escala, é bom avançarmos no campo dos sentidos.

Já a expansão por sentido correria tanto no momento da interpretação do que se comunica/divulga, como no processo de emissão do que se pretende comunicar. Assim, a expansão por sentido pode ser definida como o próprio ato de comunicação. É importante que se diga que comunicação deve ser entendida como um processo no qual as pessoas almejam a construção de significados partilhados; não é apenas transmissão de informação mas um processo de interpretação.

Essas duas dimensões – sentido e cobertura – vêm apresentando um crescimento desproporcional, ou seja, a expansão por sentidos não consegue acompanhar a expansão por cobertura.

Irene Machado (1996), ao discutir a expansão da escrita no confronto de múltiplas escrituras, já apontava necessidade de se repensar o conceito de alfabetização considerando o desenvolvimento da escrita eletrônica. Parece-me que a pesquisadora já estava atenta ao avanço de cobertura que as tecnologias propiciavam e, com isso, da importância de ampliarmos nossa competência textual: campo de sentidos.

Para Machado (1996), a criança antes de ir para escola, já presenciou na rua ou na televisão “palavras em movimento, progredindo em diversas e com diversas infinitos padrões gráficos; palavras e frases, textos em expansão”. Logo, o processo de alfabetização “não é mera sopa de letrinhas, mas assimilação e desenvolvimento de competências textuais” (p.52). O desenvolvimento de competências para a construção de significados/sentidos partilhados pressupõe o desenvolvimento da capacidade metalingüística da produção da linguagem, ou seja, a percepção das possíveis traduções entre os sistemas semióticos. Quando os sistemas entram em conexão, eles não se anulam, mas se reelaboram, se expandem: co-evoluem.

O entendimento da dinâmica cultural pressupõe o conhecimento dessas conexões, traduções, enfim, do processo de experimentação. É por meio dessa competência/conhecimento textual – alfabetização semiótica - que iremos avançar no campo dos sentidos.

Parece-me que ainda estamos distantes de um ensino que considere a expansão da escrita. Apesar de a escola se propor a alfabetizar, ela o faz privilegiando uma modalidade da escrita: a alfabética. É claro que ela é fundamental, porém, é parte fundamental do texto – a nossa cultura -, não é o texto. Logo, o seu entendimento (escrita alfabética) só acontecerá efetivamente se considerarmos os outros sistemas semióticos e suas possíveis conexões. É pelo entendimento da dinâmica cultural que avançaremos na ampliação do campo dos sentidos. Assim, a revisão do conceito de alfabetização é requisito básico para o desenvolvimento não só das escritas contemporâneo-eletrônicas como também para a escrita alfabética, ou seja uma escrita em expansão (Machado, 1996).

Um dos pontos importantes na compreensão do conceito de alfabetização semiótica é entender o processo de culturalização. Como se viu, a cultura vem sofrendo modificações provenientes de processos sígnicos. Logo, é necessário compreender “o

mundo como linguagem, que se manifesta em variadas formas de comunicação e em domínios igualmente diversificados” (Machado, 2003: 26).

Na cultura interagem diferentes sistemas de signos (literatura, religião, mito e folclore, cinema, etc.) que estão conjugados numa determinada hierarquia: um texto. Não seria uma acumulação desordenada de pequenos textos, mas, sim, um organismo complexo em que os códigos se encontram hierarquicamente organizados. Som, imagem, movimento, textura, cheiro, paladar não são meras extensões dos órgãos dos sentidos. São:

“Elementos complexos resultantes de um processo semiótico, resultam da ação produtora de transformação de signos (...) os textos audiovisuais são exemplares nesse sentido, uma vez que seus exemplares são sistemas semióticos” (Machado, 2003:156).

Todo o texto da cultura é codificado por dois sistemas diferentes, pelo menos. Irene (2003) lembra que “os sistemas culturais são textos não porque se reduzem à língua, mas porque sua estruturalidade procede da modelização a partir da língua natural” (p.39).

A língua natural é um sistema modelizante primário. A partir dela, é possível entender outros sistemas da cultura: os sistemas modelizantes secundários. Logo, modelizar é construir sistemas de signos a partir de um modelo da língua natural. “Contudo, cada sistema desenvolve uma forma peculiar de linguagem e, no processo de descodificação do sistema modelizante não se volta para o modelo da língua, mas para o sistema que a partir dela foi construído”. (Machado, 2003, p.50).

Nesse sentido, não podemos conceber os sistemas de cultura como isolados, independentes, acabados. Um texto da cultura só pode existir na sua relação com outros textos; um depende do outro para a sua organização. Alfabetização semiótica passa pelo entendimento dessa dinâmica; de como os códigos estão conectados, enredados.

A capacidade de compreender os sistemas semióticos depende do conhecimento dos códigos culturais que fazem parte desses sistemas. Segundo Machado (2003), a alfabetização semiótica torna-se necessária para o conhecimento dos códigos culturais.

Como os códigos culturais não são sistemas isolados, conhecê-los e lê-los é uma tarefa difícil. É isso que a alfabetização semiótica se propõe fazer: num primeiro momento, enxergar que a cultura é constituída pelo entrelaçamento de códigos e, num segundo, compreender os sistemas semióticos como produtos da culturalização.

Apesar de os cursos de Pedagogia propiciarem leituras de autores como Vygotsky, Luria, Ferreiro, as concepções de linguagem presentes na escola ainda não

possibilitam uma discussão que ajude a construção de uma alfabetização semiótica. Sabemos que esses autores apostam numa visão de homem que não só se constitui pela/na linguagem, mas, ao constituir-se, produz e modifica a linguagem: “O homem se apropria do mundo estudando a língua, decifrando o texto, relativo e traduzindo-o em uma língua que lhe é acessível” (Machado, 2002: 168). Somos seres culturais que nos apropriamos do mundo e o transformamos em texto. Como mecanismo que conjuga variados códigos, “capazes de transformar as mensagens recebidas e de gerar novas mensagens. Isso quer dizer que um texto não é um recipiente passivo de tudo o que vem do exterior” (Machado, 2003:169).

As linguagens não podem se esgotar no oral e no escrito, da mesma forma que o conceito de “texto” não se esgota no oral e na escrita. Tudo isso reforça a idéia de que a palavra escrita é parte da multiplicidade de linguagens que temos hoje. Portanto, o conceito de alfabetização amplia-se porque lemos não só as palavras, como também as imagens, os sons que muitas vezes acompanham as imagens, enfim as diferentes linguagens.

Apesar de os conceitos de leitura terem mudado nestes últimos tempos, o ato de ler, permanece ainda mais vinculado à palavra escrita. Quando pensamos num “bom” leitor, consideramos a sua capacidade de ler textos verbais. Ler é mais do que isso, é um “processo de compreensão de expressões formais e simbólicas, não importando por meio de que linguagem.” (Martins, 1996:30) Assim, o ato de ler se refere tanto a algo escrito quanto a outros tipos de expressão do fazer humano, caracterizando-se como acontecimento histórico e estabelecendo uma relação igualmente histórica, entre o leitor e o que é lido. Este trabalho envolve tanto o conhecimento prévio dos signos e seu funcionamento quanto o conhecimento do leitor sobre o assunto abordado no texto.

Pensar em um único conceito de alfabetização, adequado a qualquer pessoa, em qualquer lugar, em qualquer momento é impossível. Dependendo das crenças, dos valores, do contexto social, teremos diferentes conceitos. Assim, a definição do que é ser alfabetizado depende das necessidades e condições sociais presentes em determinado momento histórico de uma sociedade e cultura. Além disso, em cada espaço social, as práticas de leitura e escrita são diferentes, ou seja, dependendo dos papéis sociais assumidos pelas pessoas, teremos demandas funcionais de leitura e escrita muito diferentes. Logo, torna-se difícil definir um único conjunto de habilidades e conhecimentos que constitua o que é ser alfabetizado hoje. (Soares, 2003).



Não me parece que possamos chegar a uma conclusão única do que é ser alfabetizado hoje. No entanto, alguns aspectos que fazem parte desse processo merecem ser lembrados:

- Conscientização de que a escrita é um sistema em expansão;
- Identificação dos sistemas semióticos que compõem o texto cultural;
- Reconhecimento das diferenças entre códigos – distinção de linguagens;
- Produção de textos verbais e audiovisuais;
- Conhecimentos das máquinas que produzem textos audiovisuais: como funcionam e como organizam seus códigos.
- Reconhecimento de que esse processo exige aprendizagem sistematizada – alguém tem que ensinar;
- Percepção da cultura como um grande texto, tecido pelos sistemas semióticos, e que a escrita alfabética é apenas um desses sistemas;
- Percepção de que os sistemas semióticos que compõem a nossa cultura estão conectados, enredados;
- Percepção de que a oralidade, a escrita impressa e a escrita eletrônica não são momentos distintos de um processo em evolução;

Ao afirmar que o conceito de alfabetização semiótica propõe que consideremos a dinâmica cultural, percebemos que essa preocupação já estava presente na definição de leitura para Paulo Freire. Para ele, a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra. A meu ver, Freire propõe uma leitura que considera as diferentes linguagens que circulam na atualidade. Linguagem fílmica, televisiva, do vídeo clip, das histórias em quadrinhos, dos jogos eletrônicos, da internet, etc. Ler o mundo pede ao leitor uma leitura de diferentes signos, pois o nosso contexto atual é composto por diferentes sistemas de representação.

Cumprido lembrar, que na atualidade, o sistema de representação mais utilizado tem sido a linguagem audiovisual. Logo, é de extrema importância para o educador conhecer o vasto mundo das linguagens que o rodeia, em especial, da linguagem audiovisual.

Compreender como esse sistema vem se constituindo é tarefa da escola. Essa compreensão passa por uma visão de alfabetização que considere os diferentes sistemas

de representação que compõe a nossa cultura. A compreensão da dinâmica cultural possibilita usufruirmos dos diferentes modos de dizer, de escrever, de escutar... Enfim, de compreender o mundo e quem sabe: de resgatar a nossa liberdade.

## Referenciais bibliográficos

ALMEIDA, Maria Inês. *Para que serve a escrita?* São Paulo: Educ., 1997.

ALMEIDA, Milton José de. *Imagens e sons – A nova cultura oral*. São Paulo: Cortez, 2001.

AZENHA, Maria da Graça. *Construtivismo de Piaget a Emilia Ferreiro*. São Paulo: Ed. Ática, 1994.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal* (Trad. Paulo Bezerra). São Paulo: Martins Fontes, 1992.

\_\_\_\_\_. *Marxismo e filosofia da linguagem* (Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira). São Paulo: Hucitec, 1995.

BARTHES, Roland. *O rumor da língua* (trad. Mario Laranjeira). São Paulo: Ed. Brasiliense, 1988.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas II – Rua de mão única* (Trad. Rubens Rodrigues T. Filho e José Carlos Martins Barbosa). São Paulo: Ed. Brasiliense, 1997.

CITELLI, Adilson. *Comunicação e educação: a linguagem em movimento*. São Paulo: SENAC, 2000.

\_\_\_\_\_. (Org.) *Outras linguagens na escola*. São Paulo: Cortez, 2000.

DARLEY, Andrew. Genealogia y tradicion: el espetáculo mecanizado. El declive de la narracion: el nuevo cine de espectáculo y el vídeo musical. *Cultura visual digital. Espectáculo y nuevos géneros en los medios de comunicación* (trad. Francisco L. Martin). Barcelona: Paidós, 2002.

DIETZCH, Mary Julia (Org.). *Espaços da linguagem*. São Paulo: Ed. Humanitas, 1999.

FERREIRO, Emilia. *Reflexões sobre alfabetização*. São Paulo: Cortez Editora, 2001.

\_\_\_\_\_. *Cultura escrita e educação*. Porto Alegre: Ed. Artmed, 2001.

FERREIRO, Emilia e TEBEROSKY, Ana. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

FIORIN, José Luiz e SAVIOLI, Francisco Platão. *Para entender o texto*. São Paulo: Ed. Ática, 1991.

\_\_\_\_\_. *Lições de texto: leitura e redação*. São Paulo: Ed. Ática, 2003.

FREIRE, Paulo. *A Importância do Ato de Ler*. 22 ed. São Paulo: Cortez, 1988.

\_\_\_\_\_. *Comunicação ou extensão*. Paz e Terra, São Paulo, 1970.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos Edit. S.A., 1998.

GERALDI, J.W. Concepções de Linguagem e Ensino da Língua. In: GERALDI, J.W., (Org). *O Texto na sala de aula*. Paraná: Assoeste/UNICAMP, 1988.

HAVELOCK, Eric A. *A revolução da escrita na Grécia e suas conseqüências culturais* (trad. Ordep José Serra) São Paulo: Ed. UNESP e Paz e Terra, 1994.

LOTMAN, Yuri. *Estética e semiótica do cinema*. Lisboa: Ed. Estampa, 1978.

\_\_\_\_\_. *La semiosfera I – Semiótica de la cultura y del texto*. Madrid: Ed. Frónesis Cátedra, 1996.

LURIA, A R. *Pensamento e linguagem* (trad. Sérgio Spritzer). Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

MACHADO, Irene A. O romance e a prosificação da cultura. O romance e a voz. A prosaica dialógica de Mikhail Bakhtin. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

\_\_\_\_\_. A língua entre as linguagens: Expansão da escrita no confronto de múltiplas escrituras. In: *Anais do XI Encontro Nacional de professores de português das ETF's, EAF's e CEFET's*. Natal: MEC, 1996.

\_\_\_\_\_. Texto & Gêneros: Fronteiras. In: *Espaços da linguagem*. São Paulo: Ed. Humanitas, 1999.

\_\_\_\_\_. Gêneros no contexto digital. In: *Interlab: labirintos do pensamento contemporâneo* (Lucia Leão, org.). São Paulo. Fapesp – Iluminuras, 2002.

\_\_\_\_\_. “Semiótica como teoria da comunicação”. In: *tensões e objetos da pesquisa em comunicação*. (Maria Helena Weber, org.). Porto Alegre: Sulinas, 2002.

\_\_\_\_\_. As mídias e seus precursores: emergência das mediações como campo de idéias científicas. *Significação*. São Paulo: Anablume, 2003.

\_\_\_\_\_. *Escola de semiótica – A experiência de Tártu-Moscou para o Estudo da Cultura*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

\_\_\_\_\_. Infojornalismo: uma mídia expandida. In: *Revista Fronteiras. Estudos Midiáticos*, Junho, 2003.

MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1996.

\_\_\_\_\_. Palavra e imagem: um diálogo, uma provocação. In: *Questões de linguagem*. São Paulo: Ed. Contexto, 1991.

\_\_\_\_\_. Encruzilhada de leituras. In: *Espaços da linguagem*. São Paulo: Ed. Humanitas, 1999.

OLIVEIRA, M. K. de. *Vygotsky: Aprendizado e desenvolvimento processo sócio-histórico*. São Paulo: Scipione, 1993.

ONG, Walter. *Oralidade e cultura escrita* (Trad. Enid Abreu Dobránszky). Campinas: Ed. Papyrus, 1998.

OSAKABE, Haqira. Linguagem e educação. In: *Questões de linguagem*. São Paulo: Ed. Contexto, 1991.

PAZ, Octavio. *Signos em rotação*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2003.

SOUZA, Solange Jobin (Org.). *Mosaico: imagens do conhecimento*. Rio de Janeiro: Ed. Rios Ambiciosos, 2000.

\_\_\_\_\_. (Org.) *Educação @ pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Viveiros de Castro Editora Ltda., 2003.

VYGOTSKY, L.S. *Estudos sobre a história do comportamento: o macaco, o primitivo e a criança* (Trad. Lólio Lourenço de Oliveira). Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

\_\_\_\_\_. *Formação Social da Mente* (Trad. José Cipollo Neto, Luis Silverio Menna Barreto e Solange Castro Afeche). São Paulo: Martins Fontes, 1994.

\_\_\_\_\_. *Pensamento e Linguagem* (Trad. Jefferson Luiz Camargo). São Paulo: Martins Fontes, 1995.